

O ABERTURA NOS TEMPOS DE ABERTURA POLÍTICA: O JORNALISMO NA TELEVISÃO E A LUTA PELA VOLTA DA DEMOCRACIA AO BRASIL (1979-1980)

PAULO ROBERTO DE AZEVEDO MAIA*

Esse artigo propõe a reflexão sobre a atuação da imprensa brasileira, em particular, do programa de televisão Abertura que foi veiculado entre fevereiro de 1979 a julho de 1980 pela rede Tupi e fazia a leitura do processo de abertura política brasileira no exato momento em que esse se processava. Trata-se de entender a atuação de um programa jornalístico na televisão inserido dentro de um contexto representativo de uma modernidade alternativa.

O estudo que se inicia procura seguir o caminho conceitual apontado pela idéia de modernidades alternativas. Os liberais, legitimados pelas chamadas revoluções burguesas, passaram a ditar um certo monopólio sobre a idéia de modernidade, pois, segundo os liberais, sem eles esta não existiria. Essa idéia é contestada por Daniel Aarão dos Reis que a considera pretenciosa demais e afirma existir outras possibilidades de modernidade paralelas ao desenvolvimento liberal. Mesmo durante as revoluções burguesas surgiram propostas alternativas cujo o maior desafio foi assegurar a liberdade e isso pode ser verificado em vários momentos das revoluções como a trajetória dos levellers e diggers durante a revolução inglesa, as idéias de estender direitos a grupos desfavorecidos como negros, mulheres, nativos da América durante a independência dos Estados Unidos, além de propostas populares durante a revolução francesa. “Assim, começaram as disputas. De um lado, as modernidades liberais. De outro, as modernidades alternativas.” (REIS, 2009: p.7)

Ao longo do século XX revoluções surgiram e mudaram o estilo de vida de milhões de pessoas em todo o mundo. Propostas políticas radicais de esquerda e de

* Universidade Federal Fluminense, mestre em multinmeios (Unicamp) e doutorando em História.

direita trouxeram novas experiências de modernidade e acabaram por ameaçar a própria liberdade, ou seja:

Na crítica radical à dinâmica excludente e liberticida que as propostas liberais assumiram em muitos momentos e circunstâncias, os programas de modernidades alternativas, não poucas vezes, assumiram, pela *direita* (corporativismos e fascismos) e pela *esquerda* (socialismos realmente existentes), tendências ditatoriais. Em nome da raça e/ou das hierarquias (corporativismos e fascismos) ou da classe e/ou da igualdade (socialismos), incorporaram-se da modernidade a perspectiva e o sopro forte do progresso econômico, a modernidade numa perspectiva instrumental, matando o que ela tinha de mais estimulante em termos de abertura para a construção de novos horizontes: a liberdade. Considerada inquietante por tantos, fator de insegurança, a liberdade foi rejeitada, em nome do progresso, do combate aos inimigos, das necessidades impostas por circunstâncias que, a rigor, não eram mais do que o exercício de uma lógica de poder, devoradora, insaciável, que hipertrofiou os Estados em detrimento da autonomia dos cidadãos. (REIS, 2009: p.8)

Se de um lado essa modernidade provocou o surgimento de movimentos que levaram a experiências anti-democráticas fez surgir, também, movimentos de luta pela democracia como é o caso do Brasil durante o regime civil-militar com o surgimento de uma luta democrática contra o governo instaurado.

Entre Resistência e luta democrática

Uma questão que surgiu e provocou discussões é a idéia da resistência democrática ligada à atuação de militantes de esquerda no final dos anos 60 e início dos anos 70. Segundo o sociólogo Marcelo Ridenti não é possível falar em resistência democrática. O termo tem origem nos variados grupos que combateram o nazi-fascismo e está ligado a idéia de combate defensivo e não uma ofensiva revolucionária. Assim a experiência no Brasil se distanciou desse conceito, apenas alguns movimentos podem receber essa denominação como a esquerda católica, alguns movimentos liberais e o próprio Partido Comunista Brasileiro (PCB) que pregava uma ampla frente de combate a ditadura, sem a necessidade de luta armada. A maior parte dos movimentos engajados na luta contra o regime procurou o caminho da luta armada, mas não com a pretensão do restabelecimento da ordem democrática anterior ao golpe. Sua influência era a revolução cubana e procurava desenvolver uma ação revolucionária que derrubasse o regime civil militar e, posteriormente, implantar uma sociedade de cunho socialista. Classificar a luta armada dentro

do quadro de resistência foi uma ação mistificadora que teria surgido no período da abertura política com o movimento da anistia.(REIS, 2000)

Os resultados das ações nem sempre são expressão da intenção do agente, sendo assim Ridenti levanta a questão dos resultados da luta armada. O movimento de esquerda era bem pequeno e insuficiente para combater o regime. Suas ações tiveram pouca expressão e nunca conseguiram se unificar e criar um movimento com chances reais de tomar o poder. Assim por sua fragilidade poderiam ser chamados de resistência. Isso não significa que esses militantes estavam envolvidos em um movimento de resistência democrática, afinal, a grande maioria não tinha a democracia como horizonte. (RIDENTI, 2004: p. 57)

A luta democrática pode ser contextualizada a partir da derrota política dos movimentos de esquerda que optaram pela luta armada quando grupos de esquerda se uniram em torno da idéia de luta pelo retorno da ordem democrática, ajudando a compor um amplo campo contrário a ditadura. Isso acontece no momento em que o governo começa seu projeto de fazer uma abertura política. Começa uma dupla cruzada, a de um governo autoritário propagando o fim do seu regime de forma gradual para não bater de frente com os setores mais conservadores o que poderia impedir o progresso da abertura e a ação de setores organizados da sociedade como o movimentos de esquerda que tiveram a necessidade de se reconstruir enquanto força política depois da derrota da luta armada. (ARAÚJO, 2004: p. 162)

O surgimento de um movimento pela luta democrática provocou dentro dos grupos de esquerda uma reorganização com o surgimento de novos grupos com novas metas. Essa discussão começou no exterior, mais precisamente no Chile, com exilados que procuravam caminhos alternativos para lutar contra a ditadura, mas depois da queda de Salvador Allende com o golpe de Pinochet esse debate foi para outros países se concentrando em Paris onde a publicação da revista *Brasil Socialista* surgiu como um espaço de reflexão para esse debate.¹

No Brasil na segunda metade da década de 70 começou um esforço das esquerdas de sair da clandestinidade e ganhar visibilidade na sociedade o que foi possível com o estabelecimento de alianças com outros setores da sociedade que também queriam o fim da ditadura. Entre as organizações podemos destacar o MDB que após a vitória da eleição de 1974 preocupou o governo e se mostrou um veículo aglutinador de forças descontentes vindas dos mais variados setores da sociedade. O movimento da Igreja católica pelos direitos humanos através da Pastoral da Terra e as comunidades eclesiais de base e de forma mais particularizada

¹ Maria Paula Nascimento Araújo mostra o debate entre dirigentes da POLOP e do MR-8 sobre a questão da luta democrática. Ver: A luta democrática contra o regime militar na década de 1970.

a luta do cardeal de São Paulo Dom Evaristo Arns no seu engajamento contra a tortura que originou o movimento *Brasil Nunca Mais*. O movimento estudantil, depois de anos sem se manifestar, ressurgiu em 1977 com passeatas no Rio de Janeiro. Além desses movimentos setores de classe média e entidades de classe começaram a se manifestar como a Ordem dos Advogados do Brasil/OAB, a Associação Brasileira de Imprensa/ABI, sindicatos dos professores e outros órgãos. Os movimentos considerados de minoria, também, se organizam tais como o movimento das mulheres, dos negros, da causa indígena e dos gays. É importante ressaltar o papel dos sindicatos dos metalúrgicos, principalmente os de São Paulo e da região do ABC que, aproveitando a nova conjuntura política da abertura, começaram uma campanha salarial que fez renascer o movimento sindical no Brasil. Todos os grupos trabalhavam numa frente ampla da sociedade contra o regime pela luta democrática. (ARAÚJO, 2004: p. 167-168)

A imprensa teve papel importante nesse momento de luta democrática, os jornais da chamada imprensa nanica ou alternativa se posicionaram, A grande imprensa também começou a se manifestar, apesar de não haver por parte grande da imprensa um desejo de manter um posicionamento de oposição ao regime, mesmo com o fim da censura prévia, os jornais eram propriedades de grupos que haviam apoiado o golpe de 1964 e não viam o porquê de manter uma oposição aberta.

Com o início do governo João Figueiredo tem início um programa de televisão que se propôs discutir o processo de abertura política dando espaço a vozes há muito tempo caladas como é o caso de militantes de esquerda do Brasil ou vindos do exílio. Trata-se de *Abertura* que foi veiculado pela Rede Tupi de televisão e ajudou a aquecer o debate pela volta da democracia e está dentro da conjuntura da luta democrática.

Abertura: um programa de abertura política

Ao longo de minha pesquisa de mestrado sobre o cinejornal *Canal 100*², foi possível perceber que o período da abertura política não foi muito investigado no que diz respeito à mídia. Apenas poucos trabalhos foram identificados e a grande maioria deles se preocupou em analisar a transição nas lideranças militares e políticas ou procurou fixar atenção no operariado e na classe empresarial.

²Paulo Roberto de Azevedo Maia, *Canal 100 – A trajetória de um cinejornal*, dissertação de mestrado, Programa de Estudos de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp, 2006.

Para Alzira Alves de Abreu (2005), o pouco interesse dos pesquisadores pela mídia no período da abertura pode ser atribuído à forma como ela é percebida pelos estudiosos, ou seja, ela apresenta um alto grau de subordinação em relação a suas fontes, não agindo diretamente na formulação do fato, mas reproduzindo um discurso que não é o seu. Esse tipo de análise pode ser encontrado nas teses marxistas que consideram a mídia um instrumento de dominação do Estado, desprezando sua potencialidade como veículo de mudança.

Outro argumento que justificaria a escassez de análises atribui ao difícil acesso as fontes que estavam e continuam fechados aos pesquisadores. Apenas os jornais são de fácil acesso e algumas revistas e emissoras de televisão disponibilizam seus acervos o que faz com que seja necessário à utilização de outras fontes primárias como depoimentos orais para enriquecer as pesquisas.

Se identificar trabalhos relacionados à mídia no período da abertura é tarefa árdua, maior dificuldade é encontrar pesquisas que tenham a programação da televisão como foco central no período, pois os estudos relacionados ao tema sempre estão ligados à análise da TV enquanto agente de divulgação jornalística de alguns acontecimentos como o atentado ao Rio-centro, ou ainda, a sua capacidade de manipulação em alguns eventos como no caso da Rede Globo e sua cobertura na campanha das “Diretas Já” (ABREU, 2005). Não existe um trabalho consistente sobre o comportamento da televisão e de seus efeitos no contexto da abertura para o imaginário político.

A televisão passou por transformações na segunda metade da década de 70 ao propor programas que discutiam temas pouco veiculados como a situação da mulher (*Malu Mulher* e *TV mulher* da Rede Globo) e a política nacional que passou a ser satirizada em programas humorísticos como *O Planeta dos Homens*. A política, assunto perigoso e pouco discutido devido à repressão, passou a ser tratado com uma atenção especial e, particularmente, o programa da Rede Tupi *Abertura* representou um marco na televisão brasileira, pois não só discutiu, problematizou e trouxe vozes há muito tempo caladas para fazer coro em prol da redemocratização do país. O jornalista Fernando Barbosa Lima, experiente na produção de jornalismo para TV com programas como o *Jornal de Vanguarda* da TV Excelsior, Canal Livre e outros, foi o responsável por essa experiência jornalística que aproveitando o discurso da abertura política encontrou espaço para desenvolver uma revista de opinião. O programa que foi ao ar de

4 de fevereiro de 1979 até Julho de 1980, retratava o momento político que o país começava a viver, com a volta dos exilados. Contava com uma equipe de intelectuais, jornalistas, artistas e personalidades, como Antônio Callado, Fausto Wolff, Fernando Sabino, Sérgio Cabral, Oswaldo Sargentelli, Ziraldo, Newton Carlos, João Saldanha e Walter Clark, entre outros.

É verdade que o *Abertura* não foi o único programa a discutir política e acontecimentos cotidianos, *Globo Repórter* vivia sua fase mais interessante com produções que trazia a marca de grandes documentaristas como Eduardo Coutinho. A TV Educativa de São Paulo com *Vox Populis* trazia um programa de entrevistas revelador ao ter como convidados figuras polêmicas como a escritora Clarice Lispector, ou Nelson Rodrigues, falando sobre sua obra ou mesmo a repressão do regime do qual era a favor, mas se posicionava contra a censura e a violência da qual seu próprio filho foi alvo. É no meio de poucos programas que falavam de assuntos importantes com conteúdo crítico e muitos que ofereciam entretenimento de massa ou procuravam exaltar o Brasil Maravilha, como a série de documentários Amaral Neto – O Repórter, programa que se dedicou a explorar as belezas naturais do Brasil, em um discurso ufanista, é que surgiu a idéia de Fernando Barbosa Lima em fazer um trabalho de discussão da realidade política do Brasil nos seus mais diversos aspectos. O programa fazia análises políticas do desenvolvimento do processo da abertura política, mas não se isentava de discutir cinema, psicanálise, literatura, a própria TV brasileira e outros assuntos que transformavam o programa em uma grande revista de variedades. Um fator importante para o surgimento do *Abertura* foi o momento em que se encontrava a censura, apesar da existência da censura, o jornalismo já não estava mais sob o olhar dos censores diretamente, pois já não havia mais censura prévia. Esse fato representou um momento de mudança na televisão brasileira e, segundo Gabriel Priolli, o *Abertura* foi o primeiro programa de repercussão nacional dessa fase e representou mais do que uma ousadia, foi um estímulo da retomada da postura de liberdade, também, para outras emissoras, pois

A coragem que demonstrou em restaurar no vídeo o discurso político livre, fazendo falar vozes malditas por longos anos – Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, etc. estimulou os ressabiados produtores de TV a ousarem eles também, solidificando a pequena brecha conseguida no paredão da ditadura. (BARBOSA, 1985: p.39)

O programa *Abertura* provocou reação na imprensa que passou a comentar com regularidade suas edições. Isso pode ter acontecido devido ao caráter democrático do programa que chamava a atenção porque ajudava a reafirmar o processo de abertura política no país com análises de intelectuais, artistas e políticos que não eram comuns na televisão. Um exemplo disso é o artigo “Jornalismo - verdadeiro Show da Vida”³ de Jefferson Barros que analisa vários programas da época como *Jornal Nacional*, mas considera o *Abertura* o único a discutir assuntos relevantes para aquele momento, um programa capaz de mobilizar até a rede Globo que teria mudado o formato do seu programa dominical Fantástico, muito próximo de esquemas do jornalismo americano, por causa dele. O programa passava a ser uma referência em tempos de abertura não só pelo conteúdo, mas também pela forma.

Fernando Barbosa Lima procurou fazer um programa que se diferenciava dos demais não apenas no discurso independente, mas também ao propor quadros com personalidades que fugiam das expectativas, assim João Saldanha não falava de esportes como poderia se esperar, mas de algum acontecimento da semana como uma inundação ou evento político considerado relevante. Sérgio Cabral falava de música, mas dava espaço para figuras sem expressão na mídia, novatos ou veteranos não privilegiados pela indústria cultural.

O nome de destaque do programa era o de Glauber Rocha, responsável pelo quadro de maior irreverência. Nele o cineasta discutia a situação da cultura nacional manifestando seu desagrado contra as forças do “imperialismo cultural” e destacava o papel do artista e do povo dentro do cenário político nacional. Figuras consideradas por Glauber como verdadeiros brasileiros estavam constantemente em seu quadro como Brizola, jovem, negro de Botafogo que foi entrevistado como uma referência popular a figura de Leonel Brizola que acabara de retornar do exílio ou Severino, um migrante nordestino a quem o cineasta fazia muitas referências e aparecia com frequência, mas tinha pouca participação ativa, pois praticamente não falava, se limitando a ouvir as críticas expostas. É sobre Severino o artigo⁴ da jornalista Maria Helena Dutra do jornal do Brasil que considera o nordestino vítima de humilhação. A reação do cineasta

³ BARROS, Jefferson, *Jornalismo - o verdadeiro Show da Vida*, Última Hora, Rio de Janeiro, 1979.

⁴ DUTRA, Maria Helena, *Glauber especial e Paulinho livre*, Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1979.

Glauber Rocha aparece ao entrevistar Paula Gaitán, onde comenta: “A Maria Helena está ficando famosíssima, está dando uma sapateada a lá Paulo Francis”. Em outros programas o cineasta mantém o mesmo tom de crítica a jornalista que considera: “ Seu artigo no Jornal do Brasil contra o programa das aberturas é um artigo desastroso, porque é um artigo burro. Você precisa ser mais sofisticada. O Severino não está sendo humilhado não.” O caráter simbólico da presença de um nordestino representante das camadas populares é uma provocação que Glauber já havia exercitado em *Terra em Transe* com o personagem do homem do povo despolitizado. Glauber Rocha mantinha a sua tradição de figura polêmica e incomoda, cuja crítica sempre ácida com forte carga de ironia provocava reação. Sua participação tinha natureza experimental, escolhendo novos ângulos, personagens e criticando a censura abertamente por proibir o livro de Vianinha que considerava uma dos grandes autores do teatro brasileiro.

Mas além de manter um discurso nacionalista, propagar uma cultura independente, atacar a censura e discutir o papel do homem comum na política nacional. Glauber foi responsável por entrevistas que traziam o tema da abertura ao centro das discussões. A fala do então governador da Bahia Antonio Carlos Magalhães exemplifica não só a iniciativa de um programa que se propunha debater a redemocratização do país como trouxe um olhar significativo na definição de forças que compunham a base governista de apoio ao processo de fim do regime ditatorial, ou seja:

Eu acho que a anistia no campo político deve ser a mais ampla possível, agora, infelizmente ela não pode ser irrestrita até para que não se confunda os políticos com outros que estão, realmente, em outros crimes que não são de natureza política.⁵

O político baiano enfatizou a necessidade do fim do bipartidarismo na construção da ordem democrática, deixando claro que nas eleições de 1982 já deveriam participar no mínimo três partidos políticos. A importância atribuída à volta do pluripartidarismo era valorizada como uma forma de fortalecer a representatividade dos vários setores da sociedade como podemos observar:

“O importante é que os partidos tenham representatividade no sentido de valerem pelo o que eles tem nos segmentos da sociedade, na opinião pública. Partido político por decreto nós já tivemos e parece que não estava dando certo, conseqüentemente nós temos que ouvir as bases para que os partidos representem a vontade popular.”⁶

⁵ Abertura, Rede Tupi, abril de 1979, Cinemateca Nacional, São Paulo.

⁶ Abertura, Rede Tupi, abril de 1979, Cinemateca Nacional, São Paulo.

Entrevistas como essas nos levam a indagar sobre a natureza do programa. Era um espaço de pluralidade política ou mais uma válvula de escape do regime? Acredito na primeira hipótese. Apesar de figuras expressivas do governo participarem com frequência, a participação de pessoas dos mais variados setores da sociedade e principalmente de figuras recém chegadas do exílio contribuindo para o debate acerca da abertura e dos caminhos que o Brasil devia seguir, é um forte exemplo desse pluralismo que contribuiu para a luta democrática no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, *Alzira Alves de*, “**A mídia na transição democrática brasileira**”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 48, 2005.
- AQUINO, Maria Aparecido de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)**, Bauru: EDUSC, 1999.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “A luta democrática contra o regime militar na década de 1970” In Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Motta (orgs). **O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.
- BARBOSA LIMA, Fernando; MACHADO, Arlindo; PRIOLLI, Gabriel. **Televisão e Vídeo**, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARBOSA LIMA, Fernando. **Debate: 40 anos de televisão no Brasil**. Rio de Janeiro: Intercom/UERJ, 1990.
- BARROS, Jefferson. “**Jornalismo - o verdadeiro Show da Vida**”, Última Hora, Rio de Janeiro, 1979.
- FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- _____ “A Pluralidade das censuras e das propagandas da ditaduras” In Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Motta (orgs). **O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Mídia e Política: Algumas Questões de Método**. II Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compólitica), 2007
- REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In Daniel Aarão Reis, Marcelo Ridenti e Rodrigo Motta (orgs). **O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru: EDUSC, 2004.
- _____ “Os processos de modernização e as modernidades alternativas” In **Nuestra América e EUA** [CD-ROM] / Coordenação Cecília Azevedo... [et al.]. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2009.